

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

# O ESQUECIDO

## Maior educador brasileiro de todos os tempos, Paulo Freire só é homenageado no Exterior

MÁRCIA RÉGIS - Guadalajara (México)

**É** brasileiro o teórico latino-americano mais cultuado hoje em universidades dos continentes americano e europeu. O educador pernambucano Paulo Freire, criador em 1962 de um revolucionário método de alfabetização que leva seu nome, é hoje a marca de qualidade de cátedras em universidades de pelo menos dez países. Seu nome reúne normalmente mais de mil participantes em congressos dedicados aos temas de edu-

cação, eventos internacionais que, desde sua morte em maio de 1997, se repetem quatro, cinco vezes ao ano. Os "freirianos", como se intitulam com orgulho seus seguidores, celebram as teses do mestre em inglês, espanhol, italiano, francês, sueco e português - com sotaque de Portugal, na maioria das vezes.

Reconhecimento igual ao observado hoje no Exterior não se vê no Brasil. Isso é facilmente constatável para quem trabalhou com o mestre e conhece de perto a intrincada rede de vaidades que domina nosso universo acadêmico. "Em geral, as universidades brasileiras não valorizam e não dão importância merecida a Paulo, porque o consideram antiquado. Para eles, por incrível que pareça, o Paulo *já era...*", observa com pesar a viú-

**MONUMENTO**  
Em Estocolmo, Paulo Freire é lembrado como um dos sete defensores dos oprimidos



ARQUIVO PESSOAL

**“O papel do educador é fundamentalmente dialogar com o analfabeto”**

Paulo Freire

va do mestre, prestigiada historiadora em educação, Ana Maria Araújo. E por quê? “A proposta de Paulo é humanista e o que vale hoje, em nosso país, é a ética de mercado”, responde prontamente a vigorosa senhora, que conversou com ISTOÉ durante o VIII Simpósio Internacional de Educação Cátedra Paulo Freire, que reuniu 1,5 mil participantes (uns dez brasileiros, apenas) no Instituto Tecnológico de Estudos Superiores de Occidente (Ite-so), universidade jesuíta sediada em Guadalajara, México.

**Bê-á-bá** – Por “humanista” entende-se que a didática proposta por Freire se baseia na importância de o aluno conhecer o seu mundo, mais além do que ler, decorar e entender cada letra, cada palavra. Ele classificou de “educação bancária” os convencionais métodos de alfabetização e ensino bê-á-bá que unicamente instruem o estudante a decorar associações de consoantes e vogais e posteriormente reconhecer palavras, ler, memorizar significados,

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

**VAIDADES**  
Para a viúva,  
Ana Maria Araújo,  
as universidades  
brasileiras não  
valorizam Freire



## “A proposta de Paulo é humanista e o que vale

construir vocabulário e escrever. Para Freire, a educação deve incluir as necessidades pessoais dos alunos, considerando hábitos culturais e a vida comunitária.

Na madrugada anterior à sua viagem ao México, Ana Maria acabou de contribuir para mais um capítulo da extensa obra do marido. Ela organizou uma compilação de cartas e ensaios de Freire sobre o Descobrimento – ou a “invasão” – do Brasil, a ser lançado em maio, durante a Bienal do Livro, em São Paulo, pela Editora Unesp (*leia quadro à pág. ao lado*). O novo livro tem sugestivo título – *Pedagogia da indignação*. Não é para menos. Antes da Bienal, porém, a (incansável) senhora Freire poderá embarcar para Bolonha, Itália, a fim de prestigiar a inauguração de mais uma cátedra Paulo Freire

no Exterior. Em maio, outra cátedra vai ser inaugurada, dessa vez em Cienfuegos, Cuba. Agenda cheia até setembro, quando se realizará outro congresso internacional dedicado ao brasileiro em Evora, Portugal. Até lá, devem avançar os acertos para a criação de uma fundação Paulo Freire em Nova York, projeto capitaneado por Stanley Aronovitz, um dos mais prestigiados educadores dos EUA da atualidade.

Muito facilmente no Brasil se cobre de aplausos a teoria por vezes bizarra de um intelectual de fora. E, com o passar do tempo, se ignora ou se subestima a prata da casa. Tom Jobim acrescentava, sabiamente, que os brasileiros se incomodam com o sucesso de patriotas, ainda por cima em se tratando de gente capaz de construir prestígio inter-

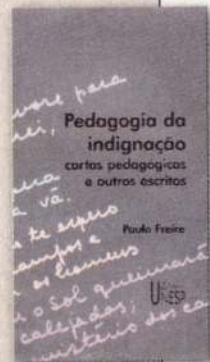
nacional. Com a defesa de uma “educação libertadora”, Freire foi um dos raros intelectuais do chamado Terceiro Mundo a impor sua obra nos exigentes círculos acadêmicos dos países desenvolvidos. Publicou 25 livros, traduzidos em 35 países. Sua obra mais conhecida – *Pedagogia do oprimido* – foi traduzida em mais de 17 idiomas, com 27 edições em inglês, 35 em espanhol e 17 em português. Espalhados pelo mundo, existem quase seis mil livros e artigos sobre Paulo Freire e quase 1,5 mil títulos de trabalhos referentes ao educador.

O brasileiro foi professor em várias universidades e coordenou seminários e conferências em dezenas de instituições americanas, européias, africanas, australianas, neozelandesas e asiáticas. Assessorou os governos



## O MESTRE DA INDIGNAÇÃO

Festa em Copacabana; show de Pavarotti, Gal e Bethânia em Salvador. O Brasil completa 500 anos de Descobrimento. Se estivesse vivo, Paulo Freire talvez fizesse publicamente a pergunta que o tirava do sério: quem estaremos celebrando? Os conquistadores europeus? Os milhares de índios e índias, negros e negras, mestiços e mestiças dominados brutalmente pelos portugueses? Sua resposta está em *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (Coleção Prismas, Editora Unesp, 133 páginas). O livro, interrompido por ocasião de sua morte, parte de seis ensaios e 29 páginas manuscritas de cartas, formas de escrever que o autor utilizava para expressar a inquietude perante fatos da atualidade. A apresentação da obra segue o estilo inovador de Freire: uma carta-prefácio, escrita pelo acadêmico gaúcho Balduino Andreola, responde aos textos que mesclam o questionamento crítico sobre reforma agrária e MST (“a tática para a estratégia da real democracia brasileira”) à reflexão sobre o tenso limite entre autoritarismo e liberdade na educação familiar dos filhos (“É necessário que a criança aprenda que a sua autonomia só se autentica no acatamento à autonomia dos outros”). O resultado é interessante até mesmo para quem nunca leu um livro de Freire. A última carta, deixada incompleta, é a mais contundente. Trata de Galdino Jesus dos Santos, o índio Pataxó queimado vivo por cinco adolescentes de classe média de Brasília, em 1997. Os jovens declararam à polícia que estavam brincando. “Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente (...). Não é possível refazer este país, democratizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho e inviabilizando o amor.”



## hoje, em nosso país, é a ética de mercado”

Ana Maria Araújo, viúva de Freire e historiadora em educação

de diversos países da América Latina, Ásia e África, particularmente dos novos países africanos de língua oficial portuguesa – Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Foi secretário municipal de Educação de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina.

**Carisma** – Também bateu recordes. É o brasileiro com maior número de títulos de doutor honoris causa, premiação máxima concedida por grandes universidades: foram 40 títulos outorgados por instituições dos EUA (incluindo Harvard), Canadá, Inglaterra, Bélgica, Suíça, Itália, Espanha, Portugal, Suécia, Bolívia, Alemanha e Argentina. No Brasil logrou 12 títulos desses. Ao todo, foram 36 doutoramentos em vida, quatro in memoriam. A Universidade de Cuba tam-

bém faria parte da extensa lista: Freire e Ana Maria, “Nita”, estavam de malas prontas e partiriam de avião de São Paulo, onde viviam, rumo à ilha de Fidel na manhã de 3 de maio de 1997. Na madrugada anterior, dia 2, Freire faleceu repentinamente. Contava 75 anos, dois casamentos.

Freire conquistou tanta gente porque foi capaz de falar daquilo que é fundamental para todo ser humano: amor. Foi um intelectual carismático, que buscou nutrir fortes relações interpessoais. Para ele, um professor deve ser capaz de ensinar, mas também de aprender com as experiências trazidas pelos alunos para a sala de aula. “Para que, porém, quem sabe possa ensinar a quem não sabe, é preciso que, primeiro, quem sabe saiba que não sabe tudo; segundo, que quem não sabe saiba que não ignora tudo”,

instiga Freire. A relação com os alunos deve ser, para ele, uma via de mão dupla, no mesmo nível, nunca de cima para baixo nem de baixo para cima. Ele acreditava no diálogo para transformar os homens, para educá-los.

**Diálogo** – A importância do “Método Paulo Freire” ficou patente nas primeiras experiências de alfabetização realizadas em 1962 na cidade de Angicos, Pernambuco, quando 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em apenas 45 dias. “O papel do educador é fundamentalmente dialogar com o analfabeto”, repetia Freire. Por negar a primazia da objetividade, foi duramente criticado por marxistas. Por pregar a democratização da educação, era paradoxal-

mente tachado de “marxista” pela direita brasileira na época da ditadura. Freire foi leal a suas próprias convicções. “Exigente com a ética, considero que ela tem a ver com a coerência com que se vive no mundo, entre o que se diz e o que se faz.”

**Revolução** – Talvez por ter sido muito pobre na infância, no Recife, ele tivesse especial habilidade para entender as prioridades dos carentes. Como pobreza não distingue nacionalidades, através de seus livros Freire alcançou os pobres do mundo. O consultor nicaraguense Daniel Ponce Vázquez conta a história de estivadores de seu país que, na década de 80, com a aplicação do método Paulo Freire, foram alfabetizados de modo incomum: a partir do conhecimento que tinham sobre a maquinaria de portos, lograram escrever em três meses um pequeno manual técnico sobre o manejo de guas. O trabalho surpreendeu um grupo de engenheiros holandeses contratados para prestar consultoria à empresa portuária em questão. Vázquez trabalha para a organização internacional Alforja, especializada em educação popular, com sede em sete países.

Por defender tanto “uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista”, Freire foi obrigado a viver fora do País durante os anos de ferro da ditadura. Sua teoria libertadora assustava profundamente os militares. Apesar de cristão assumido, era considerado perigoso comunista. E, decerto, sua defesa em causa própria só confundia ainda mais os críticos. “Ele dizia que estava em

processo de cristianização tanto quanto estava em processo de marxização”, recorda o amigo Raul Magaña, doutor em Antropologia da universidade de Harvard.

Fora do País, o intelectual desabrochou e ganhou renome mundial, tornando-se referência obrigatória quando se fala de alfabetização, educação de adultos, educação popular ou comunitária. Pode-se estar de acordo ou não com os seus pontos de vis-

cluído, pelo Norwegian Nobel Committee, na lista dos candidatos ao Prêmio Nobel da Paz. Em 1992, a Organização dos Estados Americanos (OEA) outorgou-lhe o Prêmio Andrés Bello, como Educador do Continente. Em 1998, uma comissão de especialistas internacionais contratados pela Unesco para oferecerem novos rumos à educação de jovens para o século XXI encontraram em Freire boa fonte de inspira-

## “ Paulo Freire é a busca de uma alternativa à globalização ”

Carlos Nuñez,  
acadêmico mexicano



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

ta; contudo, é impossível ignorar sua obra. Seu livro mais famoso, *Pedagogia do oprimido*, foi concluído em 1968 durante o exílio no Chile, para ser lançado mundialmente em 1972, na Inglaterra. No Brasil, o livro foi publicado depois, em 1974.

Os organismos internacionais não tardaram a reconhecer nele uma personalidade do século. Em 1986, recebeu o Prêmio Unesco da Educação para a Paz e, em 1993, foi in-

cluído para um documento guiado por aquilo que denominam “os quatro pilares básicos da educação do futuro”. São eles: aprender a conhecer, a fazer, a ser e a viver juntos.

Muitos pensadores já se dedicam a estudar os fatores que vêm aumentando o interesse pela obra de Freire. Um deles se refere a números preocupantes – em nosso planeta existem no momento 900 milhões de adultos analfabetos; 130 milhões de

crianças que nunca foram à escola e outros 100 milhões de crianças que abandonaram a escola. Outro fator importante, na verdade, pode estar impulsionando as estatísticas. É o que hoje em dia se aponta como sintoma da maioria dos males da humanidade: a globalização. “O mundo vive uma crise de identidade muito grande decorrente da globalização. É um processo nocivo. Paulo Freire é a busca de uma alternativa perdida”,

corrente de reflexão que ultrapassou os limites da educação e da pedagogia para iluminar hoje outras frentes. Meio ambiente, comunicação de massa, mídia, direitos humanos, saúde, literatura, questões de sexo e raça. “A educação ambiental, por exemplo, se funda no reconhecimento das necessidades de conservação e melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, preocupação implícita no discurso de Freire”, argumenta o am-

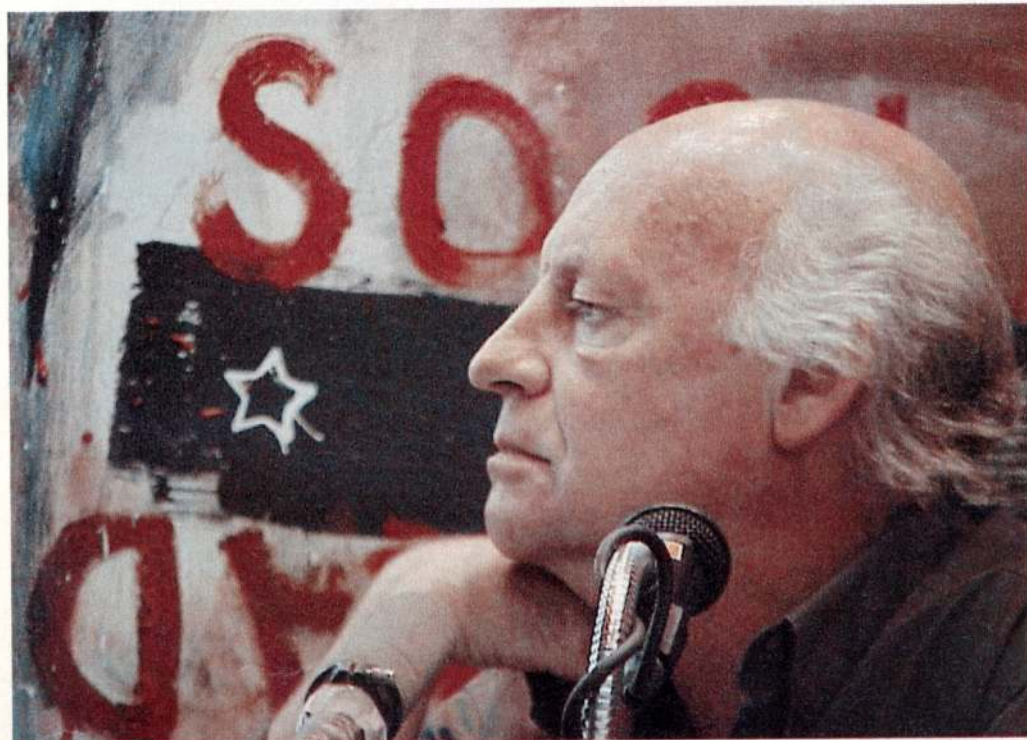
leano foi um dos conferencistas do simpósio de Guadalajara.

“Freire é o pedagogo contemporâneo cuja produção teórica e ação prática maior impacto tem em âmbito mundial”, garante o professor português João Viegas Fernandes, da Universidade do Algarve. A concepção bancária da educação, tão combatida por Freire, é considerada hoje mais atual do que nunca, lembra Fernandes. “Por partir do mais específico,

do mais local, ele pode ser tão mundial”, acrescenta. Talvez por isso a Harvard Educacional Review, publicação editada pela prestigiada universidade americana (onde Freire foi professor nos anos 70), o tenha homenageado recentemente, voltando a publicar dois artigos seus editados há 30 anos e que permanecem impiedosamente atuais.

**Herança** – A extensa obra de Freire é uma herança de valor incalculável, ainda que sempre vista com extrema modéstia por si mesmo: “Qual a herança que posso deixar? Exatamente uma. Penso que poderá ser dito quando já não esteja no mundo: Paulo Freire foi um homem que amou. Ele não podia compreender a vida e a existência humana sem amor e sem a busca do conhe-

cimento. Paulo Freire viveu, amou e tentou saber. Por isso mesmo, foi um ser constantemente curioso.” Por isso mesmo, em Estocolmo, um famoso monumento em pedra homenageia as sete personalidades contemporâneas mais importantes na defesa dos atormentados e dos oprimidos. Paulo Freire é um dos sete. Quem sabe a Prefeitura do Recife não se anima a transformá-lo, pelo menos, em nome de praça pública. ■



## “O homem foi relegado à condição de consumidor, diria Freire”

Eduardo Galeano,  
escritor uruguaio

analisa o acadêmico mexicano Carlos Nuñez, coordenador da Cátedra Paulo Freire do Iteso, inaugurada em janeiro de 1999. Justiça seja feita, o professor Nuñez se apressa em lembrar que a PUC de São Paulo inaugurou sua Cátedra Paulo Freire em 1998. O homenagem fora professor dessa instituição por 17 anos.

Até hoje, Paulo Freire não se encaixa em nenhuma corrente educacional. Ele, por si só, representa uma

bientalista Fernando Aragón, professor da Universidade Ibero-Americana de Puebla, México. Os “freirianos” compõem uma tribo variada. O escritor uruguaio e best seller Eduardo Galeano pode ser considerado um deles: seu último livro, *De pernas para o ar* (Editora LP&M), expõe uma antiga concepção de Freire: “O homem contemporâneo relegado à mera condição de consumidor, perdendo o direito de ser cidadão”. Ga-